

VIOLÊNCIA URBANA, MÍDIA E MEDO: O COTIDIANO DOS MORADORES DO BAIRRO PARQUE DAS ESMERALDAS. Poliana Patrícia Pereira, José Fernando Siqueira da Silva. – Inter-áreas – Serviço Social – Departamento de Serviço Social – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Campus de Franca

Para compreender o caráter multifacetado da violência não basta analisar uma única variável; é necessário percebê-la como totalidade complexa. São vários os fatores que contribuem para a violência. O Brasil é um país em que as necessidades mínimas de sobrevivência não são garantidas, onde há grande concentração de renda e uma alarmante desigualdade entre os grupos sociais (VELHO, 1996). Desta forma, podemos dizer que a base da vida social é fonte permanente de tensão e conflito.

Este fenômeno, conhecido como violência estrutural, é preocupante por estabelecer o “terreno” por onde se desenvolvem outros tipos de violências: a delinquência, o crime, a institucionalização de menores, a existência de meninos vivendo nas ruas, entre outras. São componentes que caracterizam a violência urbana.

Podemos definir a violência como um determinado uso da força envolvendo sujeitos e instrumentos, que fere a natureza e a liberdade do ser social causando negligência e abusos físicos, sexuais e psicológicos. É preciso considerar, também, as formas de violência que oprimem as pessoas, as famílias e as comunidades.

Salientamos que o problema social da violência urbana desencadeia um outro problema: o medo generalizado associado à violência. O medo associado ao crime incorporou-se ao modo de vida da população. Violência e medo combinam-se e causam mudanças sociais nos espaços contemporâneos, gerando novas formas de segregação espacial e discriminação social.

A autora Débora Regina Pastana (2003), define o medo como uma perturbação resultante da idéia de um perigo real ou aparente, ou da presença de alguma coisa estranha ou perigosa. A violência, na forma em que constitui nossa realidade, faz emergir esse medo. Isso leva as pessoas a paralisarem e alterarem suas relações e forma de ser no espaço em que vivem, em seus contextos individuais. Podemos observar que a arquitetura das casas está cada vez mais marcada por grades e muros altos. As pessoas trafegam em seus automóveis com os vidros fechados para evitar abordagens perigosas em cruzamentos e semáforos e, dependendo por onde andem a pé, se sentem ameaçadas. O outro, o estranho, torna-se uma ameaça direta ou em potencial.

Essa situação de medo reflete na crença de que vivemos em um momento particularmente perigoso devido ao aumento da criminalidade violenta. Desta forma, são legitimadas posturas autoritárias que, de acordo com interesses políticos, são difundidas como capazes de solucionar este problema. Neste contexto, a classe trabalhadora fica em maior desvantagem por ser o setor privilegiado para o recrutamento da criminalidade, bem como a principal vítima. É ainda o setor mais perseguido pelo aparato policial e o menos protegido pelo setor judiciário, além de ser estigmatizada por uma tradicional associação: pobreza e criminalidade.

Esses estigmas que a mídia auxilia a divulgar reforçam e legitimam a exclusão social de parcela da população, criando novas formas de relação de poder. Esse clima de insegurança pode ajudar na (re) produção da violência, já que a violência urbana, como expressão da questão social, reproduz-se de forma mais ampla entre a população da classe mais pobre. Inserida neste contexto, podemos dizer que a mídia exerce importantes papéis como: construir e retratar a realidade, bem como influenciar na formação de valores da sociedade (PASTANA, 2003). Os meios de comunicação transformaram a divulgação da violência urbana em espetáculo. A intensidade e forma com que essa violência aparece cotidianamente na mídia, influencia em comportamentos e sentimentos como: preconceito, medo, paranóia, fobias, constante sensação de insegurança, tensão e agressividade.

Todo esse processo desenvolve uma internalização da violência como um objeto-problema da nossa realidade hoje (que de fato o é), mas sem as devidas mediações capazes de explicar as causas e as conexões entre elas na produção da violência na sociedade contemporânea. A população que compõe as camadas populares atingidas por múltiplas formas de violência, demanda diversos tipos de serviços

sociais. Isso impõe ao assistente social a necessidade de compreender a totalidade na qual é (re) produzida a violência para que, assim, esse profissional possa desenvolver uma prática que esteja em consonância com os princípios fundamentais da profissão: o Código de Ética e o projeto ético-político do Serviço Social.

Para a realização desta pesquisa, escolhemos o bairro Parque das Esmeralda, localizado na cidade de Franca - SP. Optamos pela pesquisa qualitativa por nos permitir maior proximidade com os sujeitos e sua realidade, bem como suas relações, seus significados e suas intencionalidades. A pesquisa qualitativa é capaz de *incorporar a questão do SIGNIFICADO e da INTENCIONALIDADE como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas* (MINAYO, 2004, p.10). Apesar de ter cerca de nove anos de existência, o bairro não conta com infra-estrutura: asfalto, farmácia, área de lazer, comércio e Unidade Básica de Saúde. Apenas possui dois pequenos supermercados e um posto de atendimento médico com um clínico geral.

Desenvolvemos nossa reflexão sobre a violência urbana a partir de dados colhidos na literatura especializada e em entrevistas semi-estruturadas. O interesse da pesquisa é identificar, nesta singularidade, aspectos presentes no contexto universal. É preciso saber se essa população percebe esta realidade e como ela reflete em seu cotidiano. Para tanto, na realização das entrevistas, utilizamos a técnica da gravação, em que se procurou levantar dados referentes ao objetivo da pesquisa, ou seja, desvendar a percepção que os moradores têm da violência urbana e de outras modalidades de violências nem sempre imediatamente visíveis. É importante, ainda, verificar se esse fator desencadeia algum tipo de medo e se isso causa mudanças em seu cotidiano comprometendo desta forma, sua qualidade de vida. Para as entrevistas selecionamos quatro moradores e a assistente social supervisora do grupo de extensão CPEUSS, da Faculdade de História, Direito, Serviço Social e Relações Internacionais de Franca (UNESP), que atua no bairro desenvolvendo atividades sócio-educativas com as crianças. Todas as entrevistas já foram realizadas e se encontram em fase de análise final. Entretanto, em linhas gerais, pôde-se constatar que o cotidiano do bairro é permeado por relações de medo e naturalização da violência. Alguns moradores já vêem o tráfico local como algo natural e dizem estar acostumados a essa situação, o que não quer dizer que concordem ou que esta situação não os incomode. Sobre isso nem sempre vêem a polícia como uma instituição de proteção: alguns até acham que há policiais coniventes com esta situação. Apreendemos estes fatores como geradores de medo e insegurança, o que faz com que estes moradores mudem alguns de seus hábitos.

Devemos elucidar que a violência se objetiva nas diferentes classes sociais, apesar de ter nas camadas populares sua maior visibilidade. Como o assistente social, em sua prática diária, lida com as múltiplas manifestações da questão social e, nisso, as diversas formas de violência, apreender esta realidade é de fundamental importância para um exercício profissional consistente e de qualidade.

Essas ações de violência são (re) produzidas no cotidiano. Em sua maioria não são percebidas como tal devido a sutileza e naturalização com que as situações são apresentadas. No entanto, é nesta trama que o assistente social se insere, através das políticas sociais que deveriam atender as necessidades da população. Nessa realidade contraditória, em que as ações sociais são fragmentadas e paliativas, exige-se que o profissional se aproprie criticamente dela para que em sua prática não corra o risco de (re) produzir a violência na sua própria intervenção.

É preciso estar atento a esta dinâmica e se apropriar das possibilidades trazidas por essa realidade, transformando-as em espaços de trabalho (IAMAMOTO, 2000). É necessário desvendar com criticidade as manifestações da violência também na sua forma estrutural. O Assistente Social elabora, executa, coordena e implanta projetos e programas sociais. Nesse sentido, sua prática pode transformar ou apenas manter a situação apresenta. Atentar, ainda, para os desafios impostos pela realidade, pelas demandas e pelos limites existentes. É nessa complexa realidade, local da sua ação, que o profissional formulará propostas com a finalidade de afirmar direitos e contribuir com a emancipação do homem.

Referências Bibliográficas:

IAMAMOTO, Marilda Villela. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. 3ª edição, São Paulo: Cortez Editora, 2000.

MINAYO, M. C. De S. *O Desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 8º edição, São Paulo: Hucitec Editora, 2004.

OLIVEN, R. G. *Violência e Cultura no Brasil*. 4. ed. Petrópolis: Vozes Editora, 1989.

PASTANA, D. R. *Cultura do Medo – Reflexões Sobre Violência Criminal, Controle Social e Cidadania no Brasil*. São Paulo: Ibccrim Editora, 2003.

VELHO, G. e ALVITO, M. (orgs) *Cidadania e Violência*. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV Editora, 1996.